

O Imperativo mimético: a filosofia da informação e o caminho da quinta imitação

The Imperative mimetic: the philosophy of information and the way of fifth imitation

por [Gustavo Silva Saldanha](#)

Resumo: O texto desenvolve uma análise filosófica do conceito de mimese inserido na filosofia da organização dos saberes como uma unidade fundamental para o pensamento histórico da Ciência da Informação. É revisada a noção de mimese no contexto da Antiguidade, demarcando a rejeição à imitação manifestada por Platão e a abordagem aristotélica sobre as representações. Os fundamentos dos estudos informacionais são revisados a partir da presença determinante deste conceito em sua formalização. Três abordagens são investigadas neste contexto: Gutenberg e a prensa; Otlet e o livro; Bush e o Memex. O trabalho se conclui demarcando a dupla significação de uma fundamentação mimética para o campo, a saber, representação e educação.

Palavras-chave: Filosofia da ciência da informação; Epistemologia; Filosofia da informação; Mimese.

Abstract: This paper investigates the concept of mimesis in the philosophy of knowledge's organization in the context of Information Science from the philosophical analyses. The argumentation presents the mimesis's concept in archaic philosophy between Plato e Aristotle. The view point of the article indicates the relevance of the mimesis for the epistemology e the history of Information Science. For the discussion, three approaches are presented: Gutenberg and the press; Otlet and the book; Bush and the Memex. The work is concluded with an indication of the double signification of mimesis for the knowledge's organization: representation and education.

Key-words: Philosophy of information science – Epistemology - Philosophy of information – Mimesis.

Introdução

Remota, a preocupação com o discurso sobre a mimese atravessa os séculos e pode ser observada como uma das questões que conferem vida à própria reflexão filosófica em seus primórdios. É sobre a abordagem da imitação que Platão se debruça para distinguir o mundo inteligível do mundo corruptível – no léxico de [Lovejoy](#) (2005), outra-mundandade e esta-mundandade respectivamente. No campo informacional, esta reflexão se apresenta não apenas como objeto importante, mas, muitas das vezes, como espaço privilegiado de produção de um domínio distinto. A condição da mimese no contexto de formalização de discursos institucionalizados em terminologias que abrangem as noções de bibliologia, de bibliografia, de biblioteconomia, de documentação e de ciência da informação, pode ser tomada como, no mínimo, fundamental em nosso discurso epistemológico.

Recentemente, [Floridi](#) (2002), ao discutir uma “*filosofia da informação*”, aponta que é possível reconstituir a “*história do conceito informação*” muito antes de seu significante se tornar legitimado. Em seu olhar, é “*perfeitamente legítimo*” falar em uma “*filosofia da informação*” no passado, antes da “*revolução informacional*”. Em nossa visão, esta genealogia conceitual toca diretamente na mimese como unidade estrutural da organização dos saberes, OS.

Percebendo o surgimento dos traços semânticos da ciência da informação enquanto arte de um organizador de saberes, surgida na Antiguidade, quando aparecem os primeiros instrumentos que transcendem a prática irreflexiva, como o catálogo, o reconhecimento do conceito de mimese nos estudos da informação pode ser interligado ao próprio leit motiv da travessia da história das ideias acerca da noção e da instrumentalização da informação enquanto um meta-discurso – a meta-informação que leva ao meta-conhecimento transversal da organização dos saberes ([González de Gómez](#), 1996). Temos aqui a “*questão do registro*” – de onde deriva a “*questão do livro*” – como essencial para o fazer/refletir do artífice da organização dos saberes.

Sob, para e pelo conceito de mimese, a prática meta-informacional se desenvolve, ganhando a formalização de “*ciência*” nos séculos XIX e XX. Explicitamente aplicado em disciplinas fundacionais da ciência da informação, como Reprografia, Preservação, Catalogação, Classificação, Recuperação da Informação – RI e Comunicação Científica, o conceito pode ser, na verdade, observado como uma sombra que perpassa a linha de atuação da prática da organização dos saberes. De uma maneira mais

clara, este conceito é fundamental quando chegamos até a noção de informação elaborada na epistemologia da ciência da informação a partir dos anos 1960.

À primeira vista, a questão que se coloca ao campo está envolvida com a noção de cópia, que se desdobra em setores cruciais do desenvolvimento do discurso científico da ciência da informação, como acesso, direitos autorais, tecnologia da informação, censura, e, naturalmente, preservação. Ao tratar de mimese, tratamos, desde Aristóteles, de aprendizagem – apropriação de significado esta que recai em toda tentativa novecentista de formalização de uma ciência para a informação, principalmente em sua face cognitiva. No entanto, o desenvolvimento do discurso da organização dos saberes acompanha um percurso que se desdobra em uma cadeia de compreensão da mimese iniciada por Platão em diálogos como *Górgias*, *Fedro* e *Sofista*, tendo continuidade na *República*. Esta cadeia conduz à constituição da meta-informação como objeto da epistemologia da ciência da informação, representada em ferramentas como tesouros e ontologias, em práticas como o mencionado serviço de referência e os estudos de usuários, em conceitos como informação e conhecimento.

Procuramos aqui demonstrar que a reflexão sobre a mimese é um terreno fértil de discussão, capaz de ampliar as possibilidades de interpretação de nossas análises histórica, teórica e prática. Mais do que isso, afirmamos a relevância do conceito para a própria filosofia da ciência da informação, identificando-o como motor diferencial para reflexão da filosofia da informação. Nosso percurso observa a seguinte linha de reflexão: *a) reconhecimento da conceituação platônica de mimese e da revisão aristotélica do conceito; b) identificação da mimese nos fundamentos da organização dos saberes; c) análise da presença de um imperativo mimético na sedimentação dos estudos informacionais.*

Seguimos neste estudo a trilha filosófica aberta pela meta-reflexão de [Nitecki](#) (1995) sobre a filosofia da organização dos saberes. O epistemólogo aponta que, apesar de reduzida, a reflexão filosófica no campo permite a identificação de algumas influências estruturais. Dentre elas, o autor reconhece filósofos ocidentais como Francis Bacon e Karl Popper. No entanto, apesar da longa tradição profissional, o coração do campo, para o autor, está ainda fundado na influência da metafísica de Platão, por um lado, e na abordagem empírica de Aristóteles. É a partir de uma análise interpretativa entre ambos que procuramos construir nossa argumentação.

O imitado pelo imitador

Podemos destacar a mimese como tema estrutural para a Filosofia, como também para inúmeros saberes deste oriundos, como Ciência Política, História, Literatura e Psicanálise. A tradução da noção de mimese do grego para as línguas latinas pode apresentar os significados de imitação, representação, reprodução, dentre outros. Na Grécia platônica, reconhecemos este conceito aplicado à ideia de representação artística, ou seja, no discurso sobre a arte. A estrutura do olhar de Platão sobre a mimese está na crítica da noção a partir da acusação de falsidade – a mimese como conceito que se apresenta como negação da verdade. Encontramos um ponto de vista que toma a imitação como recurso negativo, abrindo margens para a interpretação dos “*povos imitadores*” como inferiores aos “*povos que negam a imitação*”.

Contra a mimese o pensamento ocidental viria se constituir, separando “*ser*” e “*imagem do ser*”. Entre Platão e Aristóteles, há, porém, um distanciamento claro sobre a noção. Se, por um lado, encontramos sua condenação, por outro, em Aristóteles, reconhecemos a readmissão do conceito no debate filosófico – ou sua afirmação como elemento potencial para a reflexão que se afirma verdadeira. Aristóteles reabilita a mimese afastada da relação com o conhecimento lançada por seu mestre. O estagirita determina uma relação fundamental para a compreensão das representações na atualidade: a aproximação entre mimese e aprendizagem. Menos atento ao que deve ou não ser imitado – postura platônica –, Aristóteles pergunta-se pela capacidade mimética presente no homem – “*pelo mimeisthai no qual se enraíza a poietiké, entendida como criação de uma obra artística*”. ([Gagnebin](#), 1993, p. 70)

Platão, na tentativa de cura da cidade, postula a doutrina de negação da poesia de caráter mimético ([Platão](#), 595a, 2008, p. 449). Para o filósofo da Academia, os imitadores que atuam sob a estratégia da mimese são destruidores da inteligência dos ouvintes. Para conceituar a expressão mimética, [Platão](#) recorre ao clássico exemplo da cama ([Platão](#), 596a-597b, 2008, p. 450-453). Há uma ideia de cama,

atualizada pelo artífice que, baseado nesta ideia, produz o móvel doméstico. Temos também, como um “fabricante” de “camas”, o pintor. Porém, este não realiza a verdade da cama a partir da ideia, mas da cópia da ideia, ou seja, da cama do artífice. Assim, ele atua pelas aparências. Nesta cadeia mimética, há três formas de cama: a “natural” (*o conceito*), a do artífice e aquela do pintor. Esta última, dista da “verdadeira cama” – a “cama natural” – no mínimo três pontos (Platão, 597d, 2008, p. 454). É sob esta avaliação que Platão conclui que a arte de imitar está longe da verdade e que o criador de representações, o imitador, nada entende, e apenas reconhece/reproduz aparências.

No Fedro, Platão (2000) emprega a ironia, na abertura do diálogo, para criticar a imitação em uma dupla significação: tanto na capacidade de reprodução oral dos discursos, como na capacidade mais distante ainda da verdade do discurso escrito – imitar a imitação do manuscrito. Na cadeia de distribuição da alma divina detalhada no diálogo, ocupa apenas o sexto patamar o poeta – este, tomado como construtor de imitações. A visão contrária à mimese é sintetizada ao final do diálogo, quando Fedro é interpelado, afirmando que aquele que expõe suas regras por escrito conduzirá um outro ouvinte a tomar o escrito como verdade, atribuindo, em um futuro cada vez mais afastado do “conhecimento verdadeiro”, valor maior ao escrito que às “essências” que estariam em sua forma.

À palavra escrita, sinônimo do discurso morto, opor-se-ia a palavra viva, fruto do discurso inserido na dialética. Está evidenciada no diálogo a preocupação platônica com os riscos de uma memória ampliada, artificial, capaz de transportar os discursos no tempo. No Sofista, esta racionalidade que se interpõe contrária à mimese é afirmada como uma “demiurgia das imagens” (Vernant, 2010, p. 53): a mimese nada mais é que uma fabricação (*poiesis*) de imagens (*éidolon*).

Segundo Aristóteles, “o imitar é congênito no homem (e nisso difere dos outros viventes, pois, de todos, é ele o mais imitador, e, por imitação, aprende as primeiras noções) e os homens se comprazem no imitado” (Aristóteles, 1966, p. 71). Segundo o estagirita, “o poeta é imitador, como o pintor ou qualquer outro ...; por isso, sua imitação incidirá num destes três objetos: coisas quais eram ou quais são, quais os outros dizem que são ou quais parecem, ou quais deveriam ser. Tais coisas, porém, ele as representa mediante uma elocução que compreende palavras estrangeiras e metáforas, e que, além disso, comporta múltiplas alterações, que efetivamente consentimos ao poeta.” (Aristóteles, 1966, p. 99)

A Poética, entre os gregos, representava a arte produtiva, ou, arte que produz imagens, ou, ainda, ciência da produção. Tratava-se, pois, da “arte da imitação das coisas sensíveis ou dos acontecimentos que se desenrolam no mundo sensível, constituindo, antes, a recusa de ultrapassar a aparência sensível em direção à realidade e aos valores” (Abbagnano, p. 426, 2000). Em sua Poética, Aristóteles não se preocupa com a questão moral da “reprodução do modelo”, mas atenta para a faculdade de reproduzir, característica essencial do homem. Para Gagnebin (1993, p. 71), duas inovações elementares na Poética de Aristóteles referentes à mimese são destacáveis: a) a *mimesis* faz parte da natureza humana, caracteriza em particular o aprendizado humano. ...; b) ao descrever esse ganho de conhecimento, Aristóteles insiste na sua característica de “reconhecimento”. Os homens olham para as imagens e reconhecem nelas uma representação da realidade; dizem: “esse é tal”. A atividade intelectual aqui remete ao logos, mas não repousa sobre uma relação de causa e efeito; enraíza-se muito mais no reconhecimento de “semelhanças”. (Gagnebin, 1993, p. 71)

O caminho da representação à aprendizagem aberto por Aristóteles em sua reflexão sobre a mimese intensifica as possibilidades de reflexão do conceito no âmbito da organização dos saberes. Em resumo, a partir do olhar aristotélico sobre os efeitos da mimese, podemos chegar aos seguintes apontamentos: a) a mimese pressupõe aprendizagem; b) a mimese pressupõe reconhecer a imitação enquanto forma – *eidos* – que também leva ao conhecimento; c) a mimese é uma ferramenta para classificar o mundo, pois possibilita perceber as semelhanças; d) a mimese é fonte de prazer (é um jogo).

A imitação do mundo imitado

A partir da breve exploração do conceito de mimese, podemos conceber uma genealogia de sua aplicação na filosofia da ciência da informação. Fragmentos de gestos históricos na Antiguidade e no período medieval podem desvelar a relação entre mimese e organização dos saberes como experiência intrínseca de uma arte distinta. Naquilo que nos é mais claro no Ocidente no âmbito da organização

dos saberes, encontramos o significado da Biblioteca de Alexandria como um centro clássico de cópia & exegese (*reprodução de meta-informação*) e educação. Por sua vez, o conjunto de regras que orientavam a prática da cópia de manuscritos – *ars scribendi* – no Medievo, esta cópia desenvolvida em um ambiente próprio de reprodução – *a scholae scribendi* –, em si já sustenta a fundamentação de uma escola mimética em curso no passado.

Não representa, pois, uma coincidência a identificação de “*crises*” nos regimes epistemológicos do campo quando as transformações técnicas impulsionam saberes miméticos como as artes reprográficas. As galáxias “de Gutenberg” e “da Internet”, para utilizarmos as noções comuns de McLuhan e Castells, podem ser identificadas como frutos de grandes crises da organização dos saberes, exigindo diferentes modelos de teorização para uma prática remota. Diferentes são os territórios histórico-teóricos da organização dos saberes que permitem uma reflexão sobre a questão. Correlacionadas com estas “*galáxias*”, a presença de Johannes Gutenberg, Paul Otlet e Vannevar Bush na contextualização das transformações na prática do organizador dos saberes foi, neste momento, identificada para a análise do conceito de mimese e a construção epistemológica da organização dos saberes.

A mimese gutenberiana: o mundo engolido por um só livro

A edição prensada da Bíblia como manifestação primeira da nova técnica de reprodução de artefatos no século XV coincide com a síntese do Medievo realizada pela Baixa Idade Média: encontro do “*Platão poeta*” e do “*Aristóteles físico*”. É contemporâneo a este fato, o aparecimento das universidades e a demanda de novas “classes”, como a de professores e a de alunos, por cópias de documentos para o ensino e a aprendizagem. Encontramos, ainda neste contexto, a apropriação aristotélica de Santo Tomás de Aquino e a grande recepção do estagirita no ocidente. De um modo geral, principalmente a partir desta última evidência, temos aqui a transformação do olhar do homem sob a mimese.

A manifestação da prensa de Gutenberg permite-nos encontrar o indício final da reabilitação aristotélica da noção de mimese, demarcada na imitação que abarca as demais imitações do mundo: o livro. Antes disso, a reprodução manuscrita dos textos de Aristóteles nos séculos anteriores ao XV revela mais do que uma (re)apropriação filosófica e uma demanda filológica: com a “*chegada*” do estagirita ao Ocidente e a leitura tomista sobre a empiria, o homem se abre para um reconhecimento gradual da mimese.

Neste sentido, as imitações começam a ser tomadas como expressões não mais nocivas ao saber. A partir do início da era da reprodutibilidade bibliográfica, demarcada pelo Renascimento, instaura-se a vigência de um regime de pensamento que se debruçará sobre a imagem, não para negá-la, mas para buscar nela possibilidades de apreensão crítica e de transformação do homem. A mimese agora é também reconhecimento, educação, prazer. Dentre diferentes avaliações – como as análises sociológicas, políticas, bibliológicas –, a invenção da prensa está atrelada a uma profunda travessia filosófica, demarcada por esta recepção aristotélica dois séculos antes da adaptação de Gutenberg.

Acompanha a apropriação do livro a afirmação da mimese como pressuposto da organização dos saberes. Os elementos desdobrados da *Poética de Aristóteles* são recuperados, principalmente, as relações mimese-aprendizagem, mimese-classificação e, principalmente, mimese-conhecimento. Merece esta última uma caracterização pormenorizada, mesmo que impossível de ser explorada neste espaço. Destacamos a relação confusa, por vezes, entre informação (*representação*) e conhecimento (*tomado ora como abstração, ora como compartilhamento*) que se dá na categorização conceitual do léxico epistemológico da ciência da informação. Esta relação, por vezes tratada como naturalista, pode ser identificada na reflexão sobre a mimese como conceito fundacional do itinerário das ideias bibliológicas. É através do reconhecimento da mimese como fragmento da filosofia da organização dos saberes que podemos perceber as razões que ocasionaram a afirmação de que a representação (*a imitação*) é uma espécie de “*tradução*” do conhecimento, e com ele se assemelha, ainda que com o mesmo não se identifique – mais verossimilhança, menos identidade.

A prática da reprodução dos textos nos fins da Idade Média, ainda no contexto pré-Gutenberg, o início da leitura silenciosa – como se fosse possível adquirir conhecimento através do contato com um livro, questão que, no platonismo do Fedro e do Sofista, poderia ser interpretada como absurdo –, uma

declarada obra de Bibliofilia, de Richard de Bury, e uma das primeiras grandes obras de Bibliografia, de Conrad Gesner –, demarcam, em tese, não apenas o reconhecimento da mimese como ferramenta para responder às demandas da passagem do Medieval para a Modernidade, mas também a reapropriação afirmativa do conceito como parte da estrutura de um saber que inicia os passos de sua autonomia: uma epistemologia para organização dos saberes lança os primeiros marcos de sua formalização.

Com a invenção consagrada no nome de Gutenberg, estabelece-se a compreensão de que a mimese é sustentáculo de uma “razão bibliográfica” e que a organização dos saberes depende da mesma: tem-na como um dever e, mais do que isto, um imperativo. Poucas categorias profissionais, como lembra Peter [Burke](#) (2002), seriam tão diretamente atingidas pela prensa como aquela do organizador dos saberes. E esta crise pode ser tomada como a definitiva margem para um auto-reconhecimento: só existe este artífice em um mundo sustentado pela racionalidade mimética; e um mundo sustentado pela racionalidade mimética não existe sem esta arte. O século XIX, que abrigará a formalização dos primeiros cursos de Biblioteconomia e o surgimento da Documentação, será diretamente movido por este imperativo.

A mimese otletiana: o livro-signo e a máquina bibliológica

A partir dos fins do oitocentos, junto do desdobramento técnico oriundo da invenção da prensa, Paul Otlet percebe nas novas tecnologias algo que está fundado na filosofia da organização dos saberes: sua potência mimética. A principal virtualidade bibliológica estaria na capacidade irrestrita de reprodutibilidade. Orientado pela mimese, Otlet concebia as possibilidades de construção da paz mundial baseada no progresso proporcionado pela ciência positivista: a concepção mimética otletiana vai da reprodução de fichas à aplicação de tecnologias, como o telégrafo, para a organização e a transmissão da informação intensivamente imitada.

Diferentes autores apontam, como diferença entre a Documentação otletiana e outros discursos interessados na organização dos saberes entre o século XIX e o século XX, sua preocupação com a tecnologia que potencializaria o fluxo informacional e com os sistemas sociais de produção e de disseminação dos conteúdos. Registra-se, pois, uma ênfase na “*integração utilitarista da tecnologia e da técnica para fins sociais específicos*” ([Day](#), 2001, p. 10). A hipérbole consagrada do olhar sobre a mimese em seu caráter de representação icônica pode ser encontrada em [Shera & Cleveland](#) (1977). Encontramos aqui a Documentação significada, por vezes, como a prática de desenvolvimento e de uso do microfilme, ferramenta mimética compacta fundamental para a história da organização dos saberes.

Especificamente, o conceito de livro estabelece a relação direta entre o pensamento documentalista e a mimese. Para Otlet, o livro é tanto um objeto físico como um conceito cultural que se estabelece como forma de um conhecimento positivo – um “*reflexo natural*” do mundo social traduzido nos “*fatos*”, sendo, por isto, uma encarnação concreta da história. Segundo [Day](#) (2010, p. 10), o livro otletiano deveria ser nada mais do que uma reprodução, um sumário, ou, ainda, uma síntese de tudo de melhor que a humanidade pudesse produzir. Ao conceituar o livro como recipiente do conhecimento, o documentalista belga postula a passagem da mimese do conhecimento para a mimese do artefato – sua razão icônica. Esta imagem é determinada a partir de três modelos: o livro como organismo; o livro como modalidade dinâmica de energia; o livro como máquina de (re)produção. ([Day](#), 2001, p. 13)

Interessa-nos aqui objetivamente o terceiro modelo de reconhecimento da noção de livro. Através dele, Otlet estabelece uma “*função mimética*” original para o livro. Em outras palavras, o livro, mimese “*por excelência*” (na medida em que se trata de uma “*assinatura do conhecimento*”), atua, por sua vez, como um engenho de imitações. A visão otletiana do livro como organismo aberto confere ao significado do artefato bibliográfico uma noção múltipla e inovadora, ainda que a própria história já tenha significado esta condição de sentido do livro. Ao voltar-se para a “*relação todo-parte orgânica das funções do livro*” ([Day](#), 2001, p. 14), Otlet percebe, neste artefato, um organismo auto-suficiente.

A visão otletiana tem simultaneamente uma integração com o pensamento de Platão sobre a mimese (uma física da organização dos saberes emanada de uma metafísica do livro) e as possibilidades atentadas por Aristóteles em sua apropriação do conceito. Na visão do advogado belga, o livro representa a materialização objetiva do pensamento, este, o “*livro*”, já uma espécie de imitação. Em

suas palavras, a cadeia platônica da mimese é descrita no imaginário otletiano: “*como o pensamento é uma imagem das coisas, o livro aí está para proporcionar uma reprodução, uma cópia do mundo, tendo este como modelo*” (Otlet, 1996, p. 425). Uma epistemologia documentalista tem, desta maneira, sustentação objetiva no conceito de mimese.

"De fato, três grandes resultados ou leis bibliográficas dominam o enorme crescimento dos documentos do nosso tempo: a) existe, graças aos livros, um desdobramento dos espíritos, o 'duplo da humanidade' ('doble da la humanidad'); b) esta 'duplicação documental' ('doble documental') restará cada vez mais distanciada de seus criadores, os escritores. Em seguida, ela atua distante de seus criadores e produz um efeito em extensão, que permite a acumulação dos dados escritos, e em profundidade, através do desenvolvimento cada vez maior da abstração e da generalização das ideias que são possibilitadas pelo documento; c) por todas as direções, a condição humana é modificada." (Otlet, 1996, p. 425)

Day (2001, p. 14) nos chama a atenção para o fato de que o conceito de livro de Otlet aponta menos para o objeto e mais para suas possíveis relações. Desta maneira, munido de uma complexa noção de rede – reséau –, o documentalista volta-se para o potencial criado pelos nós existentes entre todos os “acidentes” do livro, como códices, bibliografias, coleções de museu, ou seja, tudo aquilo que ganha a configuração de registro devido a algum processo de apropriação. A conclusão da razão mimética como sustentáculo de uma filosofia bibliológica está descrita na visão do “*livro como a própria extensão do livro*”: um livro não é um livro, mas o complexo de desdobramentos que a ideia de livro pode conter em um só conceito-matéria que se pressupõe livro. Isto fica claro na noção proposta de documento como substituto do significante livro.

O documento tanto pode figurar-se como “o” livro – em seu modelo códice – como pode ser tomado como a capa deste livro, ou sua folha de rosto, um de seus capítulos ou uma de suas páginas, um parágrafo, ou ainda, apenas, uma palavra que, dentro daquele contexto, pode representar outro documento, passível de conduzir um leitor a, inspirado, produzir todo um novo livro. A rede interna produzida por este emaranhado é, em si, um outro documento, um outro livro, que se desdobra em interpretações múltiplas.

O livro otletiano é, pois, estruturalmente, uma máquina mimética – uma máquina que, na visão do criador do Mundaneum, conserva uma força intelectual em permanente expansão/replicação. “*O mecanismo do livro permite que sejam formadas as reservas das forças intelectuais: é um acumulador. Enquanto uma externalização do cérebro, ele se desenvolve em detrimento de si próprio, como os instrumentos se desenvolvem em detrimento do corpo. Em seu desenvolvimento, o homem, em vez de adquirir novos sentidos, novos órgãos (por exemplo, três olhos, seis orelhas, quatro narizes), percebe o desenvolvimento de seu cérebro por abstração, esta pelo signo, e o signo pelo livro.*” (Otlet, 1996)

Como partes de um processo, o conceito otletiano de livro aponta para uma característica fundada na mimese: a repetição. A ideia da repetição aparece em Otlet, segundo Day (2001), não como a possibilidade de duplicação de um resultado único, mas como um princípio que toma o repetir como amplificação – esta conduz à expansão universal do conhecimento. Esta expansão sugere “*que há uma mudança de escala para a natureza e valor do conhecimento*”. Para Otlet, “*os textos são tanto veículos como incorporações de repetição dinâmica, levando a uma expansão do conhecimento e também uma mudança na forma do conhecimento*”. (Day, 2001, p. 14)

Nesta dinâmica, o livro-signo de Paul Otlet pressupõe a máquina-livro: a máquina mimética que se funda como prolongamento do homem – a imitação da imitação da imitação. “*Análogo a um organismo que está sendo analisado em termos da sua agência no âmbito de um sistema ecológico, o livro-máquina está ligado a outros livros e outras "máquinas" orgânicas, formando conjuntos sistêmicos na conservação e transformação de energia mental ao longo da história. Otlet explica no *Traité de que as máquinas são extensões [prolongement] do corpo humano.**” (Day, 201, p. 18)

É relevante perceber que esta ideia da máquina mimética em Otlet se irrompe como uma das principais

metáforas do século XX, ligada principalmente a três conceitos: rede, tecnologia e comunicação. Importante também é perceber que estas três noções estão enraizadas em uma epistemologia informacional de cunho fisicalista, que conceberia o neologismo “*ciência da informação*”, respectivamente vinculadas às ideias de interdisciplinaridade, recuperação da informação e comunicação científica. A metáfora está diretamente relacionada, ainda, a uma formulação matemática para a informação, manifestada em termos objetivos no projeto comunicacional de Vannevar Bush, que realimenta a apropriação da mimese na organização dos saberes.

A mimese bushiana: o Memex e a hiperimitação da grande máquina mimética...

À visão conceitual de Paul Otlet, de uma máquina bibliológica na constituição de uma cadeia mimética, se soma o projeto de Vannevar Bush, dentro do Governo dos Estados Unidos no contexto da 2ª Guerra Mundial. Seu conhecido conceito de Memex, explorado no artigo “*As we may think*”, estabelece outro foco sobre a ideia da máquina mimética, agora orientada para as possibilidades de um fluxo ainda mais dinâmico que aquele arquitetado por Otlet e possibilitado séculos atrás pela prensa.

Afora as diferentes abordagens críticas sobre a verdadeira contribuição do projeto de Bush para o futuro da engenharia das telecomunicações, que atravessam as noções de hipertexto e de Internet, chegando até Tim Berners-Lee, discutidas em [Houston & Harmon \(2007\)](#), e as análises comparativas, como a de [Eugene Garfield \(1968\)](#), entre o projeto bushiano e aquele de H. G. Wells – *o World Brain* –, importa-nos aqui os traços filosóficos deixados sobre a reflexão conceitual da mimese na organização dos saberes. Estão presentes na visão de Bush as noções de memória ampliada e de extensão do homem, vinculadas ao pensamento de Otlet e lançadas como pontos de inflexão a partir da invenção da prensa no âmbito do que chamamos hoje de filosofia da informação.

Bush propôs o desenvolvimento de um certo mecanismo que teria a capacidade de relacionar documentos pré-existentes com outros conjuntos de documentos gerados tanto particularmente como por terceiros. O foco estava na procura pela otimização da informação científica dentro de bibliotecas especializadas – em outras palavras, apresentava-se aqui a semente de uma disciplina específica do discurso da ciência da informação, que aparecerá em sua primeira face no currículo de Farradane, em 1958, duas décadas depois, ou seja, a recuperação da informação no âmbito da comunicação científica. [Houston & Harmon, 2007](#))

Bush preocupava-se com o atraso nas possibilidades de acesso à informação decorrido dos esquemas tradicionais adotados pelas bibliotecas. Em sua visão, a incapacidade humana de acessar um documento estava diretamente ligada aos entraves dos sistemas de indexação então em vigência. Um problema crucial o incomodava: a linearidade como percurso necessário para obtenção de um determinado dado nos sistemas bibliográficos, oferecido, por exemplo, pela ordem alfabética ([Bush, 1945](#)).

O Memex – a máquina anti-platônica de extensão da memória – era centrado na experiência individual de um pesquisador e em seu processo cognitivo de busca e de percepção da informação. Bush procurava (re)constituir o processo de recuperação da informação a partir da imitação da prática do pesquisador, ou seja, a partir da “*busca por associações*”. Estas associações, diferentemente de um processamento linear, permitiriam ao especialista de uma determinada área do conhecimento chegar até a informação procurada sem necessitar percorrer longos canais de informação. ([Houston & Harmon, 2007](#)).

Utilizando uma noção “*positiva*” da mimese, Bush buscava reconhecer a mente humana em sua experiência de raciocínio no processo de seleção da informação, inaugurando, em parte, um profícuo debate no terreno dos estudos cognitivos da informação na organização dos saberes. Se a mente funciona por meio de associações, é através de uma mimese mecanizada que chegaremos até a recuperação “*ideal*” dos dados disponíveis na massa de publicações científicas.

"O homem não pode sonhar em duplicar este processo artificialmente, mas certamente deve ser capaz de aprender com ele. ... Não se pode contar com a mesma velocidade e flexibilidade associativa da mente humana, mas podemos supera-la, decididamente, em relação à permanência e clareza dos elementos recuperados dos acervos. Consideraremos um dispositivo futuro de

uso individual que é uma espécie de arquivo-biblioteca mecanizado. Já que é importante um nome, o chamarei de MEMEX. Um MEMEX é um dispositivo que permitirá a uma pessoa armazenar todos os seus livros, arquivos, e comunicações, e que poderá ser consultado com grande velocidade e flexibilidade. Na verdade, seria um suplemento ampliado [enlarged] e particular de sua memória." (Bush, 1945)

Orientado para uma procura de “*amplificação*” da memória humana, seguindo o percurso contrário de Platão e seguindo as margens abertas por Aristóteles, o projeto de Vannevar Bush, guardadas as nuances de tempo, espaço e foco, postula-se como complemento ao conceito de livro oriundo de Paul Otlet. Ambas as visões se aproximam e se interpenetram em uma instância: a compreensão da mimese como noção fundamental para o desenvolvimento da organização dos saberes. Outras aproximações podem ser aqui observadas: há, por exemplo, em Otlet e em Bush, uma perspectiva civilizatória e progressista, verificadamente de cunho positivista, que toma o Livro e o Memex como ferramentas para a “*evolução*” do homem.

Preocupa-nos aqui a relação com o profícuo conceito de mimese no discurso da ciência da informação. Ao atentar para os estudos cognitivos em seu processo de associação de ideias, a proposta mecânica de Bush (1945) concentra-se no uso da imitação como possibilidade de desenvolvimento do homem e, principalmente, a otimização e a evolução dos sistemas de recuperação de informação. É esta visão do associativismo cognitivo que deflagra a hipérbole das comparações do pesquisador como pai e/ou grande inspirador dos sistemas multimídia, da Internet, dos hiperlinks, da Web e das bibliotecas digitais.

Conceito fundamental dentro da ideia de Memex é oriundo da noção de “*replicador*”. A “*principal função*” do projeto de Bush seria replicar – no sentido de reproduzir – a mente humana, permitindo com que todo o conhecimento edificado pelo homem não se perdesse na impossibilidade de armazenamento. O Memex seria capaz de imitar e, a partir da imitação, ampliar a mente humana, expandida em ferramentas de replicação (Houston & Harmon, 2007). No entanto, os princípios miméticos do projeto do Memex estão fundados ainda naquilo que o fim do século XX passou a tratar como fundamental para o desenvolvimento humano, inspirado na Web: a produção coletiva e aberta do conhecimento.

Esta co-produção leva Bush a apontar uma “*total liberdade*” do usuário para alimentar o Memex, determinando possíveis atalhos para localização da informação. Seria facultativo a ele, indica Bush (1945), inserir comentários/notas no sistema. Soma-se a isto, a possibilidade de uma indexação associativa e instantânea. Esta, tomada por Bush como “*característica essencial*” do Memex, representaria a grande inovação – a possibilidade de relacionar dois elementos diferentes entre si por usuários distintos. À medida que procura o item desejado, o usuário, na visão antecipada de Bush (1945), criaria atalhos, que poderiam se associar com um conjunto indefinido de novos elementos.

Vannevar Bush, desta maneira, repassa para o usuário o papel de reprodutor/construtor mimético e colaborador direto da infra-estrutura de organização dos saberes de uma estação local, de um município, de um estado, de um país. “*A princípio, ele usa uma enciclopédia para encontrar um breve, mas interessante, artigo. Depois, nos registros de História, ele encontra algo interessante para relacionar com o material encontrado na enciclopédia. E continua criando atalhos com vários itens*” (Bush, 1945). Sua visão é mais ampla e chega a postular um futuro com o novo ofício na organização dos saberes:

"Haverá a nova profissão de criador de atalhos, pessoas que terão a tarefa de estabelecer atalhos entre o enorme volume de registros correspondentes. Para os discípulos de qualquer mestre, o legado dele passará a ser não apenas suas contribuições ao acervo mundial, mas também as bases que sustentarão seus discípulos. Presumivelmente o espírito humano se elevaria se fosse capaz de rever o obscuro passado e analisar mais completamente e objetivamente os problemas atuais. Ele edificou uma civilização tão complexa, que agora precisa mecanizar inteiramente seus registros caso almeje levar a uma conclusão lógica seus experimentos, ao invés de

meramente bloquear-se por estar sobrecarregando sua limitada memória. Sua vida poderia ser desfrutada melhor se ele pudesse ter o privilégio de esquecer as múltiplas coisas que não necessitasse imediatamente às mãos, com a certeza de poder encontra-las quando fosse preciso." (Bush, 1945)

A proposta de Vannevar Bush estará relacionada com a Teoria Matemática da Comunicação, partindo de uma visão da informação como um dígito, capaz de ser operacionalizada. Ambas as abordagens, o Memex e a teoria de Shannon e Weaver, são sustentáculos para a epistemologia fundacional da ciência da informação. Ambas permitem, ao mesmo tempo, estabelecer em definitivo a importância do conceito de mimese para o pensamento na organização dos saberes, como a seguir procuramos demonstrar a partir de uma síntese entre a genealogia de nossas ideias e de nossas práticas, que levou o campo a se apresentar como uma escola da quinta imitação.

A escola da quinta imitação e a ética do mímema

Ao tomar a ciência da informação como um campo aplicado da filosofia da informação – ou uma filosofia aplicada da informação –, Luciano [Floridi](#) (2002) estabelece que a epistemologia da organização dos saberes circula em torno do conceito de informação. Este, por sua vez, aponta-nos uma vinculação objetiva à ideia de representação. O epistemólogo reconhece que nosso saber original não está no conhecimento em si – via platônica de conceituação da verdade –, mas nas fontes de informação que podem levar até este possível conhecimento. Quando postula a visão de que a Filosofia da Informação deve percorrer três destinos – a saber, constituição e modelização de ambientes de informação, ciclos de vida da informação e computação – [Floridi](#) (2002, p.46) assume que o objeto principal da filosofia da ciência da informação é a informação não em seu sentido forte, significativo e verdadeiro, mas em um sentido tratado como fraco e específico, oriundo do sentido dos dados gravados (*documentos*).

A visão filosófica floridiana aproxima-se das abordagens de Otlet e Bush, e da própria construção moderna da noção de registro duplicado de informação a partir da invenção da prensa. No entanto, apesar do olhar empirista sobre a aplicação do conceito informação realizado pela ciência da informação, Floridi busca uma filosofia tradicional – o foco no conceito, para além do sujeito – estabelecendo a informação como unidade metafísica, que transcende a própria prática profissional. Desta unidade é que pode ser reconhecida a aplicabilidade – a funcionalidade – da práxis do profissional da informação. O epistemólogo esclarece isto ao contrapor sua visão à Epistemologia Social de Jesse Shera, esta, mais focada no sujeito, e menos no conceito. De certo modo, a visão de Floridi permite-nos integrar idealismo platônico – “*existe*” uma filosofia da informação – e empirismo aristotélico – a ciência da informação fundamenta-se como uma “*filosofia aplicada da informação*”.

Retomando, para o filósofo da Academia, a prática do registro pode ser tomada como a representação (*imitação da linguagem*) da representação (*imitação do pensamento*) da representação (*imitação do mundo inteligível*). Explicitada de outra forma, poderíamos conceber a cadeia mimética da seguinte maneira:

- *Mundo inteligível/Outramundandade (o “grau zero da imitação”)*

- *Mundos miméticos/Estamundandade (espaço das imitações)*

 - o Mundo do pensamento – estados mentais (1a imitação);*

 - o Mundo da linguagem oral – discursos (2a imitação);*

 - o Mundo das inscrições da linguagem – ícones (3a imitação);*

 - o Mundo das cópias dos ícones –*

reproduções (4a imitação);
o Mundo das metalinguagens –
metarreproduções (5a imitação).

Na leitura platônica, o *livro-signo* de Otlet é aquele ausente de ser – a imitação icônica, ou das imagens gestadas em representação plana. Não responde pela essência do conhecimento, não guarda a forma da sabedoria e se reproduz, como a imagem poética ou plástica, de maneira inconsciente. Enquanto cópia, apresenta-se como 3a imitação, um artefato que é gerado entre o pensamento que se dá pela linguagem e a linguagem que o manifesta. No entanto, a mimese da prática da organização dos saberes vai ao extremo de determinar um quinto momento imitativo como fundacional em sua constituição: o mundo das metalinguagens, que se ocupa em construir representações das representações, ou, apenas, as metainformações – onde se encontram a prática e o produto das linguagens documentárias – que se sedimentam como o objeto, o metaconhecimento, da ciência da informação ([Gonzalez de Gomez, 1996](#)). Em outras palavras, trata-se de um domínio científico que não só toma a representação como imagem do conhecimento como a aborda como objeto-conhecimento.

Inaugura-se na filosofia da organização dos saberes uma escola de reprodutibilidade muito antes da Idade Moderna uma vez determinada a mimese como nuclear para a constituição desta arte. Funda-se uma agenda de pesquisa, orientada em seu núcleo, em linhas gerais, para a:

- a) preservação do “ícone original” (3a imitação) – representada por disciplinas como Biblioteconomia de Obras Raras, Arqueologia, Conservação;*
- b) reprodução do “ícone original” (4a imitação) – representada por disciplinas como Reprografia, Recuperação da Informação, Bibliotecas digitais;*
- c) microdescrição do “ícone original” em metalinguagens (5a imitação) – representada por disciplinas como Classificação, Indexação e Catalogação.*

Esta agenda se sedimenta no século XX como campo científico orientado pela/para mimese, travestida no conceito de informação. Apesar de dialogar permanentemente com a 1a imitação – os estados mentais – e a 2a imitação – os discursos –, o principal foco desta epistemologia está no trânsito entre a terceira, a quarta e a quinta imitações. Em outras palavras, a mimese se torna um imperativo: trata-se de um dever do organizador dos saberes não apenas cuidar da cadeia mimética, mas, também, construir ferramentas passíveis de amplificação desta cadeia. O conhecimento é por vezes tomado aqui como sinônimo do próprio saber representado, tamanha a dimensão do imperativo que se estabelece como ética primeira da relação entre indivíduo e objeto nos estudos informacionais.

A quinta imitação, significada por metodologias/produtos como tesouros e ontologias, construtos de uma cadeia mimética circular e aberta, sintetiza um ideal permanente do organizador dos saberes: simultaneamente mimetizar e educar pela mimese. A partir da apreensão de domínios lingüísticos em comunidades discursivas especializadas, ou apenas “*línguas de especialidade*”, o artífice da organização dos saberes manipula mímemas de mímemas – imitações do produto da arte de imitar ([Vernant, 2010](#)) –, ou, ainda, metamímemas, expressões distantes de uma verdade essencialista de viés platônico e mais próximas de uma verossimilhança contextual de viés aristotélico, que toma a poesia (*construção*) como ciência.

Trata-se de um fazer que estabelece a relação preponderante com a ética que se sustenta na imagem como juízo bom e explora nela as possibilidades do bom enquanto ferramenta de auto-replicação imagética. Antes de se perguntar se a imagem existe, se ela responde pela verdade, o organizador dos saberes já, sob um imperativo mimético, atualiza sua arte na replicação da imagem, procurando fundar nela as semelhanças possíveis, por contextos de significação, com o conhecimento. Este artífice, em linhas gerais, procura insistentemente demonstrar que o mímema, independente de ser ou não bom em essência, pode ser bom em ato.

Os destinos do imperativo mimético

Apesar de seu destino voltar-se para a 5ª imitação, tomando por base a cadeia mimética platônica, é na tentativa de um deslocamento da 3ª imitação – artefatos – *para a 2ª – discursos* – e desta para a 1ª imitação – pensamento –, que reconhecemos a produção da epistemologia da organização dos saberes no século XX, principalmente aquela que procura demarcar a cientificidade de uma ciência para a informação nos anos 1960.

Cabe-nos aqui reconhecer que a ciência da informação não conseguiu escapar – *se era este o seu intuito* – da chamada 3ª imitação. Mesmo quando se propõe a encarar a informação a partir da linguagem – paradigma social, enfoque pragmático, 2ª imitação – e/ou a partir da cognição – paradigma cognitivo, enfoque semântico, 1ª imitação ou ainda concepção tradicional de conhecimento como conteúdo de estados mentais (Furner, 2004) – os estudos informacionais se debruçam sobre a informação como uma entidade objetiva – conhecimento como algo que é registrado ou que é apresentado em um sentido objetivo, externo, público (Furner, 2004). Cabe ao epistemólogo da ciência da informação, pois, não apenas reconhecer este imperativo, mas, sem dúvida, principalmente munido das leituras contemporâneas da informação, de cunho pragmatista e pós-estruturalista, por exemplo, criticá-lo – a crítica do mímema como fazer epistemológico da ciência da informação.

A prática histórica do organizador dos saberes pode ser reconhecida, pois, nesta revisão, como a de um imitador que coleciona e produz imitações. Em outras palavras, este artífice atua com metamímemas. O mímema apresenta-se como seu objeto primeiro. Sua crença no saber está no reconhecimento de que o que existe, antes, é a crença de que há a “*crença na imitação*” – donde provém seu ofício/mistério. E que esta imitação pode também ser conhecimento, prazer, jogo, educação. Disciplinas comuns na formalização dos currículos das escolas de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação entre o oitocentos e novecentos, como Introdução à cultura histórica e sociológica, Introdução à cultura filosófica e artística, Paleografia (*que envolvia o estudo geral da origem dos alfabetos, da paleografia greco-latina, medieval, portuguesa e dos documentos nacionais até século XIX*), Direitos Autorais, Reprografia, Recuperação da Informação, Comunicação Científica, Biblioteca digital são elementos conceituais que se estabelecem na fronteira de reconhecimento da mimese e de construção de uma virtude no organizador dos saberes, que deve perceber a imitação como fundamental, mas, também, como questão-problema.

Como observação final, cabe-nos destacar o horizonte mais distante que, por hora, pode atingir nossa reflexão: a ciência da informação, em sua experiência histórica, pode ser determinada como um espaço discursivo dos mais remotos e dos mais profícuos de conciliação entre mimese e saber, traduzida, no discurso novecentista do campo, pela aproximação entre as noções de informação (*um outro nome do mímema*) e conhecimento. Por vezes, esta conciliação ganha uma análise naturalista – a informação leva ao conhecimento –, afastada de uma argumentação que é, em sua base, antiessencialista: aquela que reconhece a mimese como solo desta relação. Nitecky (1995) observou esta aproximação comum no discurso filosófico do campo entre a ciência da informação e o conceito de conhecimento, assim como Chaim Zins (2006) apontou como objeto estrutural do campo o mesmo conceito. Logo, muito distante da essência, tratamos aqui das imagens, a partir da (re)produção permanente de metalinguagens. Cumpre-nos, finalmente, estabelecer uma distinção importante: a mimese, para o organizador dos saberes, não é o conhecimento; no entanto, para este organizador, entre os homens, o conhecimento é fundamentalmente potencializado pela relação mimética estabelecida como ferramenta de representação e de educação.

Bibliografia

ABBAGNANO, N. Dicionário de filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ARISTÓTELES. Poética. Porto Alegre: Globo, 1966.

BURKE, P. Os problemas causados por Gutenberg: a explosão da informação nos primórdios da Europa moderna. Estudos Avançados, São Paulo, v. 16, n. 44, p. 173-185, 2002.

BUSH, V. As we may think. *Atlantic Monthly*, v. 176, n. 1, p.101-108, 1945. Disponível em: <<http://www.theatlantic.com/magazine/archive/1945/07/as-we-may-think/3881/1/>> . Acesso em: 28 fev. 2004.

DAY, R. *The modern invention of information: discourse, history and power*. Illinois: Southern Illinois University Press, 2001.

FLORIDI, L. On defining library and information science as applied philosophy of information. *Social Epistemology*, v. 16, n. 1, 37–49, 2002.

FLORIDI, L. Afterword library and information science as applied philosophy of information: a reappraisal. *Library Trends*, v. 52, n. 3, p. 658-665, 2004.

FURNER, J. Information studies without information. *Library Trends*, v. 52, n. 3, p. 427-446, 2004.

GAGNEBIN, J.-M. Do conceito de mimesis no pensamento de Adorno e Benjamin. *Perspectivas*, São Paulo, v. 16, p. 67-86, 1993.

GARFIELD, E. “World brain” or “Memex”: mechanical and intellectual requeriments for universal bibliographic control. In: MONTGOMERY, E.B. (ed.). *The foundations of access to knowledge: a symposium* Syracuse. New York: Syracuse University Press, 1968. p. 169-196.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M.N. Da organização do conhecimento às políticas de informação. *INFORMARE – Cad. Prog. Pós-grad. Ci. Inf.*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 58-66, jul./dez.1996.

HOUSTON, R.; HARMON, G. Vannevar Bush and the Memex. *Annual Review of Information Science and Technology*, v. 41, p. 54-96, 2007.

LOVEJOY, A.O. *A grande cadeira do ser*. São Paulo: Palíndromo, 2005.

NITECKI, J. Z. Philosophical aspects of library information science in retrospect; vol. 2. In.: _____. *Nitecki Trilogy*, 1995. Disponível em: <<http://www.du.edu/LIS/collab/library/nitecki/>>. Acesso em: 22 nov. 2010.

OTLET, P. *El tratado de documentación: el libro sobre el libro; teoría e práctica*. Murcia: Universidad de Murcia, 1996.

PINHEIRO, M.R. O Fedro e a escrita. *Anais de Filosofia Clássica*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 70-87, 2008.

PLATÃO. *Fedro ou Da Beleza*. 6a ed. Lisboa: Guimarães Editores, 2000.

PLATÃO. República. 11ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

SAFATLE, V. Espelhos sem imagens: mimesis e reconhecimento em Lacan e Adorno. *Transformação*, São Paulo, v. 28, n. 2, 21-45, 2005.

SHERA, J.H., CLEVELAND, D.B. History and Foundations of Information Science. *Annual Review of Information Science and Technology*, v. 12, p. 249-275, 1977.

VERNANT, J-P. Nascimento das imagens. In: LIMA, L.C. *Mimesis e a reflexão contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. p. 51-86.

ZINS, C. Redefining information science: from “information science” to “knowledge science”. *Journal of Documentation*, v. 62, n. 4, p. 447-461, 2006.

Sobre os autores / About the Author:

Gustavo Silva Saldanha

saldanhaquim@gmail.com

1) Doutorando em Ciência da Informação pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e Universidade Federal do Rio de Janeiro- UFRJ. Professor Assistente da Escola de Biblioteconomia da UNIRIO.